

## O PLANTÃO PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A ESCUTA NO CONTEXTO ESCOLAR

Isabelle Rodrigues Bessa Silva <sup>1</sup>  
Leticia de Sousa Coelho <sup>2</sup>  
Isabelle Ingridy Targino Bezerra <sup>3</sup>  
Karynna Barros da Nóbrega Magalhães <sup>4</sup>

### RESUMO

Além da transmissão dos conhecimentos da educação formal, a escola é responsável por oferecer suporte emocional aos estudantes que a compõem, especialmente durante a adolescência. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a adolescência compreende o estágio de desenvolvimento entre 12 a 18 anos de idade. Esse período, marcado pela transição entre a infância e a vida adulta, apresenta mudanças fisiológicas vivenciadas no corpo, além do enfrentamento a questões como a descoberta do eu, a necessidade de pertencimento a um grupo dos relacionamentos amorosos e a separação simbólica do Outro parental. Para muitos, a passagem da adolescência demandará o manejo com a realidade socioeconômica e com inúmeras situações de abandono e violências, por vezes desencadeadoras de sofrimento psíquico. Assim, o plantão psicológico apresenta-se como serviço de acolhimento psicológico para atender a demandas imediatas e emergenciais de sofrimento psíquico no contexto escolar, em virtude das crises coletivas de ansiedade e o curto circuito no laço social no pós pandemia. O presente artigo relata a experiência do plantão psicológico vivenciada em uma escola estadual de ensino integral no município de Campina Grande - PB, durante os meses de agosto a dezembro de 2022, como parte do projeto de extensão universitária da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. O público atendido: adolescentes matriculados no ensino médio com idades entre 15 e 17 anos. Utilizamos a abordagem psicanalítica para análise e interpretação dos dados, foi observada a importância do plantão psicológico para a comunidade escolar, possibilitando um espaço de escuta qualificada para as demandas subjetivas enfrentadas pelos alunos. Como efeito podemos perceber que a oferta da escuta, gerou uma demanda que não mais recorria ao apelo a diretora, pais e ambulância para pronto atendimento, assim a presença da escuta psicológica possibilitou um destino do mal-estar e tratamento da angústia pela palavra ao invés de atuações (autolesão) e das crises coletivas de ansiedade.

**Palavras-chave:** Psicologia Educacional, Plantão Psicológico, Sofrimento Psíquico, Psicanálise, Adolescência.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [isabelle.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br](mailto:isabelle.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [leticia.coelho@estudante.ufcg.edu.br](mailto:leticia.coelho@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [isabelle.ingridy@estudante.ufcg.edu.br](mailto:isabelle.ingridy@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>4</sup> Professora orientadora: Doutora em Psicologia Clínica e Docente Adjunta III do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br](mailto:karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br)

## INTRODUÇÃO

A escola é um importante espaço de socialização do adolescente para além do seio familiar. É um momento em que as descobertas da adolescência passam a ser experienciadas a partir do tempo que se vive nesta instituição. Atualmente, a prática em psicologia nas instituições demonstra os impactos de seu alcance para além do setting terapêutico restrito à clínica tradicional. Os diferentes cenários que se apresentam nesse campo colocam para os profissionais atuantes e em formação a necessidade de realizar uma escuta qualificada desses sujeitos.

Em 2020, teve início a pandemia do novo coronavírus, que desencadeou uma crise sanitária em escala mundial, visto que o vírus apresenta alto poder de contágio e um crescente número de vítimas fatais. Tal fato acarretou em diversas mudanças sociais, como o isolamento como medida de prevenção. Além disso, houve um colapso no âmbito da saúde e diversos impactos econômicos, como o aumento do número de desempregados, além da acentuação das desigualdades sociais.

No que tange às relações sociais, o distanciamento físico dificultou o encontro com o Outro, além de suspender e modificar os rituais tanáticos. Nas famílias, novas lógicas se instalaram: alguns pais passaram a ter mais tempo com a presença dos filhos, os casais passaram a ter mais tempo juntos e as crianças deixaram de se deslocar até a escola e passaram a ter aulas online. A casa se transformou em um ambiente híbrido, unindo as tarefas escolares, o trabalho e o ambiente de descanso em um único espaço. Com essa proximidade, surge a dimensão do estranho familiar que promoveu alterações no laço social, como o aumento do número de separações entre os casais e, em contrapartida, o aumento de casamentos, por exemplo.

Diante desse cenário, quais os efeitos do contexto pandêmico no contexto escolar? De acordo com a Unicef (2021), 3,8% das crianças e dos adolescentes de 6 a 17 anos deixaram de frequentar a escola em 2020. Desse modo, estima-se que 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram seu direito à educação negado. Tendo como perfil característicos, na sua maioria, a população mais afetada no Brasil, ou seja, jovens da região Norte e Nordeste, pretos, indígenas e com deficiência, que durante a pandemia tiveram suas desigualdades ainda mais

acentuadas. Tais dados revelam a problemática em torno dos impactos ocasionados na educação brasileira durante a pandemia, em especial e de modo mais ascendente para algumas realidades historicamente prejudicadas

Com a psicanálise, aprendemos que todas as relações são presenciais, que a escola é um espaço em que ocorre a primeira separação do Outro parental, o que possibilita a tessitura de novos laços sociais, pois a relação do aluno não se resume à sala de aula, expande-se para o corpo docente, os colegas, os funcionários, os gestores e até mesmo com o espaço físico da instituição. Sendo assim, é por meio dessa relação que se estabelece a socialização, essencial para o desenvolvimento sociocognitivo, além da transferência, essa relação de identificação inconsciente que permite ao aluno se colocar a trabalho em função do amor ao saber (Almeida, 2001).

Diante dessas considerações, o nosso trabalho teve como objetivo proporcionar espaço de fala e escuta no contexto escolar a fim de promover possibilidades elaborativas e transformação do mal-estar em relação aos sintomas de sofrimento no pós pandemia, tendo como público alvo a comunidade estudantil de uma escola integral na cidade de Campina Grande – PB. Utilizamos do dispositivo da conversação, além de atendimentos psicoterápicos individuais, sob a orientação da psicanálise, com professores, alunos e funcionários, quando demandado.

É importante ressaltar que o nosso campo de atuação foi uma Escola Cidadã Integral (ECI), que tem como características o funcionamento em tempo único (integral) e a formação dos jovens por meio de um currículo mais abrangente que o tradicional, levando os estudantes do Ensino Médio a desenvolverem também competências cognitivas e socioemocionais. O vínculo com a ECI se deu através do contato de um professor com a orientadora do Projeto de Extensão, no qual relata que havia uma série de manifestações coletivas de sofrimento psíquico nos alunos, chamada pelos docentes de “crises coletivas de ansiedade”. Ao realizarmos um contato maior com o corpo de funcionários, percebemos também a demanda para desenvolver ações de cuidado com o corpo docente.

## **METODOLOGIA**

Os atendimentos individuais ocorriam sob demanda, com alunos entre 14 e 17 anos matriculados no ensino médio, utilizando-se da psicanálise de base lacaniana. Foram realizados três encontros semanais com cada sujeito. Os atendimentos ocorreram entre os meses de agosto a dezembro de 2022, nos turnos da manhã e da tarde, em uma escola integral da cidade de Campina Grande.

Utilizamos o plantão psicológico como serviço de acolhimento psicológico para atender a demandas imediatas e emergenciais de sofrimento psíquico no contexto escolar, em virtude das crises coletivas de ansiedade e o curto circuito no laço social no pós pandemia.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

À Educação, almejamos a efetivação da prática democrática e de recursos orçamentários, a garantia de direitos, o respeito ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento de todas as crianças e jovens, incluindo aquelas (es) que possuem necessidades educativas especiais e, aquelas (es) que cumprem medidas em privação de liberdade. À Psicologia, almejamos a construção de um conhecimento científico crítico, cuja relação teoria e prática seja indissociável e que se comprometa e se responsabilize, social e politicamente, com a democratização da sociedade, visando responder às questões que afetam diariamente a vida das pessoas: exclusão social, violência, discriminação, intolerância, desigualdade, dentre outras. (CREPOP, 2013, p.32)

Segundo o Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) para atuação do psicólogo no contexto da educação básica, o papel do profissional de psicologia nas instituições de ensino engloba as particularidades subjetivas que fazem parte da vida desse estudante, merecedoras atenção do corpo docente assim como o desempenho escolar, tendo em vista sua correlação. Contudo, o papel do psicólogo na escola não é o de melhorar o desempenho dos alunos, mas de possibilitar um local de escuta acolhedora e qualificada diante das queixas emergentes.

O plantão psicológico é um atendimento realizado em uma ou mais consultas, a depender da pessoa que procura. Tem objetivo de receber qualquer tipo de pessoa no momento de crise, para ouvi-la e ajudá-la a compreender melhor os seus sentimentos

diante da situação vivenciada e, se for identificado pelo profissional uma demanda que exige um cuidado maior, é feito o encaminhamento a outros serviços. O plantão é uma prática que se completa em si e se baseia basicamente em uma procura espontânea do próprio cliente ao serviço que pode ser implantado em diversas instituições e locais com dias e horas definidos, de acordo com o ambiente (Tassinari, 1999).

A escola é um lugar de diferentes demandas psíquicas e o plantão psicológico nesse lugar mostra-se como uma prática voltada ao respeito do que o aluno vive fora do ambiente escolar, visto que isso o afeta, seja no comportamento ou na aprendizagem. Assim, de acordo com a experiência do plantão psicológico na escola é possível enxergar o quanto essa prática é necessária para melhor compreender e intervir nos processos que constituem as diversas relações na escola. Schmidt (2004) salienta que o plantão busca uma solução para o sofrimento exposto, mesmo que em alguns momentos não seja possível dar essa resposta no primeiro atendimento.

Essas informações nos ajudam a refletir sobre a relevância do plantão no âmbito educacional, considerando a escassez de atendimentos ofertados pelo setor público e enfatizando também a falta de informações acerca do assunto, o que dificulta ainda mais o acesso dos estudantes ao atendimento psicológico (CAUTELLA, 1999). Sendo relevante a disponibilização das informações sobre esse assunto, já que se consegue a partir dele tratar ou cuidar do sofrimento humano, sem depender especificamente de um atendimento psicoterápico.

A ideia de que a psicanálise seria praticada em instituições já estava em Freud (1919/1976), inclusive com o argumento de que um dos desafios do psicanalista nesse contexto seria “adaptar a técnica às novas condições” (Freud, 1919/1976, p. 180). Assim, a psicanálise dentro das instituições deve experimentar uma ampliação e modificação, não havendo necessidade de alterar os preceitos da clínica psicanalítica, muito menos de abandonar os fundamentos da psicanálise (Soares, 2005). Além de seus fundamentos teóricos, a psicanálise tem a ofertar nas novas configurações sociais e de trabalho principalmente sua postura, ou seja, a posição singular que o analista deve ocupar para potencializar o acesso e a escuta do que não está consciente e desencadear um efeito terapêutico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os atendimentos individuais para acolhimento das demandas subjetivas ocorriam no ambiente escolar. Cada aluno teria direito a três atendimentos. Primeiramente, visitamos as salas de aula explicando aos alunos como funcionaria essa modalidade de atendimento, pedindo que, caso houvesse o interesse, preenchessem o seu nome completo juntamente com a série ao qual pertencia. Conforme a ordem de preenchimento, a coordenadora da instituição nos encaminha os alunos. Semanalmente, discutimos os casos em supervisão com a orientadora responsável pelo projeto a fim de nos orientarmos acerca das intervenções a serem realizadas diante da especificidade de cada quadro.

Os atendimentos eram realizados em salas improvisadas, como a sala de música, pois a escola não poderia, por questões estruturais do espaço, ceder uma sala especificamente para a equipe de Psicologia. Tal fato coloca para nós a importância de adaptação diante das contingências ao qual o trabalho nos coloca. Em termos quantitativos atendemos cerca de 10 alunos, em sua maioria do sexo feminino, entre 15 e 17 anos. As queixas apresentadas nos encontros giravam em torno do cansaço em relação ao modelo de ensino integral, a angústia em relação aos conflitos familiares vivenciados no presente ou no passado, o incômodo com o corpo e a autoimagem, bem como as inseguranças diante do apaixonamento e enamoramento. Além disso, atendemos também alunos com diagnóstico de ansiedade, depressão e automutilação, que já haviam sido contemplados com acompanhamento psicológico anteriormente e que, na maior parte dos casos, por questões financeiras, encerraram o tratamento. Observamos a difícil realidade experienciada por grande parte dos alunos, que desde muito cedo foram expostos a violências familiares e a violação de direitos, além da desigualdade social. Identificamos uma certa naturalização dos problemas vivenciados e do sofrimento psíquico, e apontamos tal comportamento como uma maneira encontrada pelo sujeito para lidar com a situação, da maneira que lhe foi possível e com os recursos disponíveis. Em nossas intervenções, procuramos fazer com que o sujeito conseguisse enxergar uma alternativa diante do sofrimento vivenciado. Por não haver mais tempo para nos dedicarmos a uma maior elaboração das queixas relatadas, dedicamos a realização de intervenções breves e diretas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plantão psicológico é caracterizado como uma prática de grande necessidade e relevância nas instituições escolares por possibilitar a oferta de serviços de atenção psicológica que geram benefícios nos sujeitos que habitam esse espaço. Apesar da importância, é visível que esse tipo de intervenção não é amplamente oferecido nas escolas, o que muitas vezes torna difícil e frustrante os processos envolvidos nesse contexto, como o de ensino-aprendizagem e as relações entre alunos-alunos, alunos-professores ou alunos-funcionários. Logo, concluímos, por meio da experiência relatada, que o plantão psicológico traz vantagens para a escola e a comunidade tanto nas relações como no suporte ao sofrimento psíquico que se apresenta neste local, por meio da possibilidade de uma escuta qualificada voltada aos processos pessoais demandados de maneira emergencial.

Ao final dessa rica experiência, passamos por uma reunião de avaliação com a equipe da escola, para pensarmos nas intervenções desenvolvidas e em suas consequências. Foi relatada uma percepção de melhora dos alunos, inclusive alguns que diretamente relataram que se sentiam acolhidos por saberem que poderiam contar com o Serviço de Psicologia, demonstrando a importância do Projeto de Extensão para a comunidade e, consolidando-se como uma fonte de aprendizado para as extensionistas.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Sandra Francesca Conte de. Psicanálise e educação: revendo algumas observações e hipóteses a respeito de uma (im)possível conexão.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE - USP, 3., 2001, São Paulo

Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro. Unicef, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados>. Acesso em: 17/02/2023.

Conselho Federal de Psicologia (Brasil). Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica / Conselho Federal de Psicologia. — 2. ed. — Brasília : CFP, 2019. 67 p.

Dunker, Christian. Paixão da ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação - Coleção Educação e Psicanálise, vol. 1 - São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

Freud, S. (1976). Linhas de progresso na terapia analítica. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVII, pp. 171-181). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Giraldo, M. C. Algumas consequências psíquicas do confinamento Revista Latusa 25 – IMPOSSÍVEL TIRAR O CORPO FORA: Exílios e Confinamentos

Schmidt, M. L. S. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2004000300003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2004000300003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 set. 2023.

Silva, Clarice Moreira da; Macedo, Mônica Medeiros Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. Psicologia: Ciência e Profissão Jul/Set. 2016 v. 36 n°3, 520-533.

Soares, T. C. (2005). “A vida é mais forte do que as teorias” o psicólogo nos serviços de atenção primária à saúde. Psicologia: Ciência e Profissão, 25(4), 590-601

Tassinari, M. A. Plantão psicológico centrado na pessoa no contexto escolar e a promoção da saúde. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<https://apacporgbr.files.wordpress.com/2017/01/art2081.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.